



SEAB – Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento DERAL - Departamento de Economia Rural

BOVINOCULTURA DE LEITE **Prognóstico Ano 2017/18**

Aspectos do Brasil e Paraná

“Segundo, a Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE (PPM), a produção brasileira de leite em 2017, foi de 33,5 bilhões de litros, com retração de 0,5% em relação ao ano anterior. As regiões Sul e Sudeste encabeçaram a produção nacional, com 35,7% e 34,2% do total de litros, respectivamente. Em relação ao número de vacas ordenhadas, é na Região Sudeste que está localizada a maior parte do efetivo: 30,4% do total de 17,1 milhões no Brasil. No entanto, a maior produtividade nacional é encontrada na Região Sul, o que a mantém com o status de maior produtora de leite desde 2015, quando ultrapassou a Região Sudeste. A média de 3.284 litros/vaca/ano em 2017 no Sul do País é bem superior à média da Região Sudeste, que foi 2.209 litros/vaca/ano. A média nacional, por sua vez, atingiu 1.963 litros/vaca em 2017, um crescimento de 14,7% em relação à 2016. O município com maior produtividade de leite (litros/vaca/ano) foi Araras (SP). Em seguida, aparecem Carambeí e Castro, ambos municípios do Paraná”. (Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, Pesquisa da Pecuária Municipal 2017).

- Brasil – 33,5 bilhões de litros produzidos em 2017 (IBGE);
- Paraná - 3º Produtor Nacional - 4,4 bilhões de litros em 2017 (IBGE);

LEITE – Estados Maiores Produtores Nacionais – Ano 2017

- Minas Gerais – 8,9 bilhões de litros;
- Rio Grande do Sul – 4,5 bilhões de litros;
- Paraná – 4,4 bilhões de litros;

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (2017)

Em um período de dez anos 2007 a 2017, a produção paranaense de leite se elevou em 64%;

2007 – 2,7 bilhões de litros

2017 – 4,4 bilhões de litros

Fonte: IBGE – Pesquisa Pecuária Municipal (2007/17)

Principais bacias leiteiras paranaenses

Região Sudoeste (Nrs Francisco Beltrão e Pato Branco)

- Sudoeste - maior produtora de leite em volume no Estado do Paraná;
- Sudoeste (2017) – 1,0 bilhões de litros; crescimento de 98% em relação a (2007) quando produziu perto de 550 milhões de litros;
- As regiões Sudoeste, Centro-Sul e Sudeste - foram as que mais cresceram em produção leiteira nos últimos 10 anos; Certamente o aumento de produtividade desta região, contribuiu muito para o sucesso do Paraná no cenário leiteiro nacional.

Região Centro-Oriental (Nrs Ponta Grossa, Municípios de Castro, Carambeí, Palmeira, Arapoti)

- Uso de tecnologias de produção de ponta;
- Altas índices de produtividade;
- Rebanhos com produção = ou > 10 mil litros/vaca/ano (rebanhos chegando a 30/40 litros/dia) ;
- Uso de alimentação estocada e de boa qualidade (regularidade de oferta);
- Maximização da produção;
- Genética de ponta, sendo referência para rebanhos de todo o país;

- Agrolite mostra genética de ponta em julgamentos das raças: jersey, holandês e pardo-suíço e em leilões destas raças;

Cooperativas da Região

- Castrolanda (Castro), Frísia (Carambeí) e Capal (Arapoti) , se uniram em um sistema inédito (intercooperação) que reúne **4,5 mil produtores**;
- Juntas as três realizam operação anual de **646 milhões de litros de leite**;

Produção de Leite (ano 2017)

- Castrolanda: 319,2 milhões de litros;
- Frísia: 212,1 milhões de litros;
- Capal: 11,5 milhões de litros;

Região Oeste (Nrs Cascavel e Toledo)

Das três regiões maiores produtoras de leite do Estado do Paraná, a região Oeste foi a que menos cresceu em 10 anos (2007 a 2017), 5,4%.

Produção no Sul do País

A região Sul do Brasil foi a principal produtora, no ano de 2017, juntos os três estados produziram 12 bilhões de litros. Produção superior a da Argentina, país tradicional na produção leiteira e que em 2017 produziu aproximadamente 11 bilhões de litros. Atualmente a região Sul responde por 36% do total da produção nacional.

Brasil - “ranking” das macroregiões		
Produção de leite – ano 2017		
“ranking”	Grande região	volume (bilhões)
1	Sul	12
2	Sudeste	11,4
3	Centro-oeste	4
4	Nordeste	3,9
5	Norte	2,1

Fonte: IBGE - Pesquisa Pecuária Municipal (2017)

Devido este sucesso na produção de leite no Sul do país, foi criada no ano de 2014 a **Aliança Láctea Sul Brasileira**, cujo objetivo é fortalecer e consolidar a cadeia produtiva do leite nos três estados.

A expectativa é de que em 10 anos, a produção de leite nos três estados chegue a 19,5 milhões de litros por ano, 77% a mais do que é produzido hoje. A decisão de tratar do desenvolvimento da cadeia produtiva em conjunto se explica pelo fato dos três Estados possuírem características comuns na produção leiteira.

Entretanto, para que este produto seja competitivo no mercado global, a qualidade precisa melhorar, a logística e infraestrutura precisam ser confiáveis para que possam atender demandas constantes de mercados exigentes. Segundo a Aliança, a região formada pelo oeste de Santa Catarina, noroeste do Rio Grande do Sul e Sudoeste do Paraná é onde a produtividade do leite mais cresce atualmente no Brasil, por conta do clima favorável, mão de obra qualificada e presença de pastagem o ano todo.

Ações a Destacar da Aliança Láctea

- Trabalho para se alavancar as exportações brasileiras – para regular a oferta interna devido a produção crescente no país (especialmente nos estados do Sul);
- Trabalhos na área sanitária, de aperfeiçoamento nos programas de controle de zoonoses como: tuberculose e brucelose bovina;
- Revisão e adequação das instruções normativas;
- Aperfeiçoamento e proposição de políticas que beneficiem e solucionem gargalos do setor leiteiro;
- Ações que visam melhorar a qualidade do leite nos três estados;

Crescimento Paranaense

O crescimento da produção paranaense se deve a alguns fatores como: importância da atividade no Estado que está presente em todos os 399 municípios, compromisso dos produtores em evoluir na atividade e o apoio de programas de governo, como: Leite das Crianças, leite noroeste, leite sudoeste (que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento do setor nesta região), entre outras ações. A EMATER tem participação efetiva e fundamental nestas iniciativas. Além destes aspectos, a sensibilidade dos governos no apoio a produção leiteira, independente de ideologias políticas, foi fator determinante para o desenvolvimento desta cadeia em nosso estado.

Programa Leite das Crianças (Surgiu em 2003)

- 1 litro de leite para crianças carentes com idades de 06 a 36 meses;
- 91% das crianças beneficiárias estão com peso adequado;
- 4.500 produtores de leite atendidos;
- Índices de qualidade do leite tem melhorado;
- 120.000 crianças atendidas diariamente;

*dados de outubro de 2018

Balança Comercial (exportações e importações)

PARANÁ - Lácteos - Balança Comercial - 2011 a 2018*

Ano	Volume (T)	Valor (US\$ FOB)
Importações		
2018*	9.161	22.046.250
2017	13.657	27.688.134
2016	17.163	28.987.577
2015	5.203	8.950.392
2014	8.022	18.852.341
2013	10.371	19.403.589
2012	11.150	29.593.197
2011	8.851	26.513.041
Exportações		
2018*	1.504	5.147.874
2017	1.444	5.556.824
2016	4.536	22.701.256
2015	4.144	21.143.043
2014	6.062	28.843.607
2013	1.399	5.965.403
2012	1.440	6.079.116
2011	2.218	9.545.526

Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECX/MDIC

Elaboração: SEAB/DERAL

Nota: lácteos (leite UHT, leite em pó, queijos, manteiga e gorduras lácteas, iogurte e leiteiro, doce de leite, leite modificado, leite condensado, creme de leite).

Obs.: 2018* (jan-out)

No ano de 2018 (janeiro a outubro), o Estado do Paraná importou 7.657 toneladas de lácteos a mais do que exportou, ou seja 83%.

O Brasil seguiu a mesma linha importando 85% a mais de lácteos do que exportando (105.641 toneladas).

As altas importações certamente impactam o mercado interno, pois desregulam a oferta, interferindo negativamente muitas vezes na lucratividade dos produtores. Os lácteos entram principalmente da Argentina e Uruguai (em maior parte), muitas vezes a preços mais atraentes que os próprios produtos internos. Uma das soluções para este problema, seria alavancar as exportações. Ações para esta finalidade tem sido objeto de discussão nos encontros da Aliança Láctea Sul Brasileira, aonde os três estados do Sul,

buscam em conjunto soluções para suprir os gargalos que hoje barram o avanço das exportações, como principalmente, questões de logística, sanitárias e de qualidade.

BRASIL- Lácteos - Balança Comercial - 2011 a 2018*

Ano	Volume (T)	Valor (US\$ FOB)
Importações		
2018*	123.817	398.482.922
2017	169.153	561.912.226
2016	245.280	658.373.646
2015	137.166	419.266.948
2014	108.952	456.469.279
2013	159.441	602.507.635
2012	180.852	638.282.032
2011	166.987	616.129.526
Exportações		
2018*	18.178	47.434.596
2017	38.514	112.582.743
2016	55.099	167.898.698
2015	76.814	319.186.208
2014	86.241	346.183.726
2013	42.679	117.728.359
2012	43.147	119.632.078
2011	41.970	121.810.966

Fonte: Agrostat Brasil a partir de dados da SECEX/MDIC

Elaboração: SEAB/DERAL

Nota: lácteos (leite UHT, leite em pó, queijos, manteiga e gorduras lácteas, iogurte e leiteiro, doce de leite, leite modificado, leite condensado, creme de leite).

Obs.: 2018* (jan-out)

Cotações e Atual Conjuntura da Atividade

Os preços do leite e derivados se elevaram em 2018, comparativamente ao ano de 2017. Na média do ano (até outubro), os preços recebidos pelos produtores se elevaram em 4% em 2018. Fazendo uma análise de julho (mês de entressafra), segundo os preços levantados pelo DERAL, os valores recebidos pelos produtores se elevaram em 6,8% comparando-se julho de 2017 ao mesmo mês de 2018.

LEITE – Paraná – Preços Médios Estaduais Recebidos pelos Produtores e Variação

Anos	Valor (R\$/litro)	Variação (%) Julho 17/18
Média Ano 2017 (até outubro)	1,21	4,1
Média Ano 2018 (até outubro)	1,26	
Meses		
Julho 2017	1,32	6,8
Julho 2018	1,41	

Fonte: SEAB/DERAL

No mercado varejista é aonde tem ocorrido as maiores altas de preços nos últimos meses, como poderemos avaliar nas tabelas a seguir.

LEITE E DERIVADOS – Paraná – Preços Médios Estaduais no Varejo e Variação

Produto	Média Ano 2017	Média Ano 2018	Variação (%)
Leite em pó (400g)	11,04	10,20	-7,6
Longa vida (l)	2,49	2,78	11,6
Pasteurizado (l)	2,72	2,78	2,2
Manteiga extra (200g)	6,60	7,07	7,1
Queijo minas frescal (kg)	29,01	28,72	-0,9
Queijo muzzarella (kg)	40,24	39,37	-2,1
Queijo parmeão (kg)	27,22	27,35	0,4
Queijo prato (kg)	67,25	71,01	5,5
Queijo minas prens. (kg)	33,96	33,54	-1,2

Fonte: SEAB/DERAL

* (de janeiro a outubro)

Dos nove preços médios anuais de lácteos no mercado varejista levantados pelo DERAL (janeiro a outubro), 5 tiveram alta e 4 apresentaram baixas. O produto que apresentou maior queda, foi o leite em pó (7,6%), uma das razões se deve a este produto ser um dos mais importados pelo Brasil.

Entre os produtos que tiveram altas mais expressivas, estão o leite longa vida e o queijo prato, produtos de alto consumo.

LEITE E DERIVADOS – Paraná – Preços Médios Estaduais no Varejo e Variação

Produto	Julho 2017	Julho 2018	Variação (%)
Leite em pó (400g)	10,89	10,76	-1,19
Longa vida (l)	2,60	3,56	36,92
Pasteurizado (l)	2,75	3,09	12,36
Manteiga extra (200g)	6,73	7,18	6,68
Queijo minas frescal (kg)	28,69	29,74	3,65
Queijo muzzarella (kg)	26,29	28,89	9,88
Queijo parmeão (kg)	67,50	71,78	6,34
Queijo prato (kg)	34,50	34,04	-1,33
Queijo minas prens. (kg)	40,39	42,02	4,03

Fonte: SEAB/DERAL

Novamente se fazendo uma comparação dos meses de julho, dos nove produtos levantados pelo DERAL, sete apresentaram altas significativas comparando-se julho de 2017 a julho de 2018, a maior alta observada foi no leite longa vida (36,92%), produto que está entre os mais demandados pelos consumidores. O leite em pó e queijo prato, foram os dois produtos lácteos que apresentaram redução no período, embora pequena a queda provavelmente tenha acontecido devido a situações pontuais de produção, estoques e logística.

Altas nas Cotações dos Lácteos (Causas)

Os acréscimos nos preços pagos aos produtores, assim como nas cotações no mercado varejista este ano (2018), tiveram algumas causas típicas e atípicas como:

- Entressafra:

A entressafra do leite é uma situação que ocorre anualmente, mais expressivamente entre os meses de junho a setembro, causando redução das pastagens e conseqüente queda na produção leiteira. Este ano (2018), o fato atípico foi a estiagem de quase 50 dias entre os meses de abril e maio, o que atrasou significativamente o desenvolvimento das pastagens de inverno (aveia e azevém); provocando prejuízos na

alimentação dos rebanhos e aumentando os custos de produção, uma vez que os produtores tiveram que lançar mão de outras alternativas de alimentação a altos preços.

- Alta nos Custos de Produção:

A atividade leiteira, vêm a alguns anos apresentando altas consecutivas nos custos de produção. A crise econômica e inflação, acarretaram em alta nos preços de insumos como: luz, água, combustíveis, alimentação, medicamentos, sal mineral, entre outros. Fatores que oneraram a atividade leiteira, tanto dentro da fazenda como nos laticínios, aonde existe alto consumo principalmente de água e energia.

Somado a esta situação, a alta do milho observada mais expressivamente no ano de 2016, elevou drasticamente os custos com a atividade, uma vez que este produto é parte fundamental na composição da dieta das vacas leiteiras. Nesta ocasião muitos produtores diminuíram seus rebanhos, na intenção que reduzirem os custos, com casos inclusive de abandono da atividade. Como consequência, houve logicamente redução da produção leiteira, não só no Paraná, mas em vários estados importantes produtores como Minas Gerais, Goiás e São Paulo.

Este cenário de alta de custos e redução na produção, embora tenha sido mais expressivo no ano de 2016, ainda hoje mostra seus reflexos, pois uma recomposição da produção leiteira não se recupera a curto prazo.

- Greve dos Caminhoneiros:

A greve dos caminhoneiros certamente foi o fator atípico que mais impactou a cadeia leiteira no ano de 2018. Os dez dias da paralisação nacional dos caminhoneiros, causaram um prejuízo próximo de R\$ 1 bilhão para toda cadeia agropecuária do Paraná. Segundo cálculos do Sindicato e Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar), os prejuízos foram provocados com a interrupção das atividades em 25 agroindústrias que atuam nos setores: lácteos, carnes, grãos, açúcar, álcool e fertilizantes. Diariamente, nove plantas deixaram de abater 2,3 milhões de cabeças de aves, quatro deixaram de abater 12,7 mil cabeças de suínos, duas deixaram de abater 180 mil tilápias e seis agroindústrias deixaram de processar 3 milhões de litros por dia.

Falando-se em lácteos, produtores cooperados, juntamente com as seis agroindústrias de processamento de leite das cooperativas paranaenses, tiveram que

descartar durante a paralisação, mais de 25 milhões de litros de leite impróprios para o consumo, um prejuízo estimado de R\$ 32,5 milhões.

O fator greve e interrupção no transporte teve dois vieses na produção leiteira. Um interrompeu a captação nas propriedades, fazendo com que os produtores fossem obrigados a descartar o leite produzido, pois o tempo de armazenamento nos resfriadores que geralmente é de 48 horas, não permitiu suportar um estoque em dez dias de greve.

Estes produtores não comercializaram este produto, entretanto tiveram que manter os gastos com a produção o que ocasionou descapitalização dos mesmos.

O outro viés, foi o da falta de alimentação para o rebanho. A ração não chegou na propriedade, e, sabemos que a vaca em lactação tem grandes exigências nutricionais e quando são submetidas a “*stress*” nutricional a produção cai abruptamente, levando-se as vezes, alguns meses para se estabilizar novamente. Foi esta situação que ocorreu em muitas propriedades leiteiras em nosso Estado: produtores foram obrigados a reduzir o arraçoamento das vacas, o que fez com que a produtividade diminuísse, esta produção não se eleva novamente a curto prazo, pois o animal tem toda uma estrutura fisiológica que precisa ser adaptada e recuperada para que volte a exprimir todo o seu potencial.

Além destas situações, os derivados lácteos também não foram transportados das indústrias aos mercados, perdendo-se produtos por problemas de estocagem e processos produtivos, a falta da oferta destes produtos no mercado sustentou os preços no mercado varejista.

Como foi explicado, todos estes fatores ocasionaram queda na oferta do produto que se refletiu em preços altos nas gôndolas dos supermercados.

Considerações finais e perspectivas

A produção leiteira brasileira, vêm crescendo nos últimos anos, principalmente impulsionada pelo aumento da produção dos estados do Sul, como já citado anteriormente. Mesmo com alguns problemas de menor produtividade nos últimos anos e alta nos insumos, a tendência é de crescimento da produção para os próximos anos.

O Estado do Paraná juntamente com Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Aliança Láctea Sul Brasileira) tem trabalhado políticas visando direcionar futuramente esta matéria-prima ao mercado externo, alavancando as exportações de lácteos, certamente o caminho mais certo para escoar a crescente produção e

equilibrar o mercado interno. Entretanto para isso, será necessário um comprometimento de todo o setor na melhoria da qualidade, sanidade e produtividade estável. Só assim conseguiremos abrir as portas de mercados promissores, como: China, Índia, África, Leste Europeu e América Latina, países aonde ocorre pleno aumento populacional com consequente aumento da demanda.

Atualmente o Brasil tem grande dificuldade de acessar estes mercados, e competir com grandes produtores e exportadores mundiais, como: União Europeia, Estados Unidos, Nova Zelândia, Austrália, Argentina e Uruguai, que além de possuírem um leite de qualidade, conseguem comercializar a preços inferiores ao leite brasileiro. Por isso, precisamos melhorar os pontos já citados e mais, produzir com sustentabilidade, seja qual for o sistema adotado, tentando minimizar os custos, tornando o nosso produto competitivo nos mercados externos.